



# **AS PEDRAS FALANTES: ARQUEOLOGIA BÍBLICA**

Ademir Benedito dos Santos Jr.

# AS PEDRAS FALANTES: ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Ademir Benedito dos Santos Junior<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender o conceito de “pedras falantes” introduzido por Randall Price (2006; 2020) na sua obra intitulada Arqueologia bíblica e Manual de arqueologia bíblica, ilustra a capacidade da arqueologia de revelar aspectos históricos, culturais e espirituais do mundo bíblico por meio de vestígios materiais. Este estudo examina como descobertas arqueológicas, como tabletes, cerâmicas e inscrições, corroboram e contextualizam narrativas bíblicas, promovendo uma interação entre a grande área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas como a Arqueologia, História, Geografia e Teologia utilizando a revisão de literatura como método. Conclui-se que a arqueologia bíblica, enquanto ferramenta científica, contribui significativamente para a formação teológica ao corroborar e enriquecer as narrativas bíblicas, fortalecendo a fé e a prática cristã com base em evidências materiais.

**Palavras-chave:** Arqueologia Bíblica – Pedras falantes – Formação Teológica

## INTRODUÇÃO

A revisão de literatura deste estudo baseou-se em obras fundamentais que exploram a relação entre a grande área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas como a Arqueologia, História, Geografia e Teologia no contexto bíblico, com destaque para o conceito de pedras falantes, cunhado por Price (2006; 2020).

Esse conceito exemplifica como artefatos e estruturas arqueológicas podem narrar o passado, conectando teoria e

<sup>1</sup> Atua como Professor nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Teologia e no Curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Evangélica de São Paulo (FAESP). Mestre em Psicologia Educacional, Pós-Graduado em Formação de Professores Para o Ensino Superior, Pós-Graduado em Formação em Educação a Distância, Pós-Graduado em História, Sociedade e Cultura, Licenciado em Pedagogia, Licenciado em Geografia, Licenciado e Bacharel em História, Bacharel em Teologia, Licenciado em Filosofia e Empreendedorismo.



prática arqueológica e reforçando a relevância interdisciplinar desta pesquisa.

Obras clássicas como *Teologia do Antigo Testamento*, de Gerhard Von Rad (2006), *Geografia Bíblica*, de Andrade (1987), e *História de Israel*, de Bright (2019), contextualizam os eventos bíblicos em seus cenários históricos e culturais. Complementando essa análise, Gower (2002), em *Uso e costumes dos tempos bíblicos*, detalha práticas econômicas, sociais e religiosas que são iluminadas por vestígios arqueológicos, como cerâmicas, moedas e colunas de construções.

A interseção entre a História e a Teologia é aprofundada por autores como Josefo (2004), em sua obra clássica *A história dos hebreus*, e Kaefer (2018), em *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*.

Por sua vez, Peetz (2022) em seu livro *O Israel bíblico: história, arqueologia, geografia* utilizado em cursos e seminários teológicos e *Arqueologia Bíblica* de Sotelo (2008) reforçam o papel da arqueologia na corroboração e contextualização das narrativas bíblicas.

Soma-se nesta discussão *Arqueologia do Velho Testamento* de Merrill (1980) e *Em Busca da História: A Historiografia no Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica* de Van Seters (2008) destacam como novas descobertas arqueológicas podem reinterpretar e até questionar certas narrativas bíblicas.

A interdisciplinaridade, como argumenta Funari (2003) em sua obra *Arqueologia*, é essencial para a análise de vestígios arqueológicos, ampliando nossa compreensão das relações entre achados materiais e as narrativas bíblicas.

Além disso, a abordagem teológica acerca da *Teologia do Antigo Testamento*, defendida por Von Rad (2006), oferece um aprofundamento metodológico indispensável para a interpretação desses vestígios. Para alguns princípios hermenêuticos priorizou nesta pesquisa *A espiral da herme-*

*nêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica de Osbourne (2009). Outros autores, por meio de pesquisas relevantes e publicações, também foram utilizados na elaboração deste artigo.*

Assim, este artigo considera o papel vital da arqueologia para a contextualização histórica e cultural das Escrituras, destacando o conceito de “pedras falantes” como uma ferramenta de trazer vozes do passado ao contexto contemporâneo enriquecendo o entendimento das narrativas bíblicas, e fomentando reflexões na produção do campo teológico.

## 1. MÉTODO

A revisão de literatura é um método essencial na construção do conhecimento científico, que permite ao pesquisador situar sua investigação dentro do contexto das produções acadêmicas já existentes. Segundo Apolinário (2011), a revisão de literatura é uma etapa fundamental no processo de pesquisa, pois oferece um panorama das teorias, conceitos e resultados obtidos por outros pesquisadores sobre o tema investigado, permitindo ao pesquisador não apenas situar seu trabalho, mas também identificar lacunas no conhecimento que possam ser exploradas em estudos futuros

Köche (2011) enfatiza que a revisão de literatura não é um simples levantamento de fontes, mas uma análise crítica dos textos existentes, visando a construção de um referencial teórico robusto que sustente a pesquisa. Ao fazer isso, o pesquisador se apropria do conhecimento anterior, ao mesmo tempo em que identifica os avanços e as controvérsias em torno do tema estudado, o que possibilita um aprofundamento nas questões ainda não resolvidas.

Lakatos e Marconi (2003) afirmam que, ao realizar uma revisão de literatura, o pesquisador precisa distinguir claramente entre as várias correntes teóricas que abordam o problema de pesquisa, realizando uma síntese que não se



limite à simples transcrição de autores, mas que faça um trabalho analítico, relacionando as diferentes abordagens e identificando os pontos fortes e as limitações de cada uma. As autoras destacam a importância de se fazer uma revisão ampla, abrangendo não apenas obras clássicas, mas também pesquisas mais recentes, para garantir a atualização do estudo.

Prodanov e Freitas (2013) afirmam que a revisão de literatura serve também como um instrumento metodológico para o planejamento da pesquisa, pois ao entender o que já foi discutido sobre o tema, o pesquisador pode delimitar melhor o objeto de estudo, definir a metodologia e escolher as melhores abordagens para o desenvolvimento da pesquisa. A revisão não é apenas uma etapa inicial, mas um processo contínuo, que se mantém ao longo de toda a investigação.

74

Segundo Severino (2013), a revisão de literatura tem um papel fundamental na construção da fundamentação teórica da pesquisa, sendo um ponto de partida para a formação de hipóteses, proposições e para a formulação do problema de pesquisa. Ele ressalta que essa revisão deve ser realizada de forma crítica, com a seleção criteriosa das fontes e com a busca por diferentes perspectivas teóricas, de modo a garantir a profundidade e a riqueza da análise.

E ainda, Demo (1985) destaca que a revisão de literatura não é apenas uma atividade técnica, mas um momento de reflexão epistemológica, onde o pesquisador confronta suas próprias ideias com as teorias existentes, ampliando seu horizonte teórico e, ao mesmo tempo, refinando sua compreensão sobre o objeto de estudo. A revisão de literatura é, assim, um processo ativo de construção do conhecimento, essencial para o avanço das ciências.

Osborne (2009) explica que obras de teologia do Antigo ou do Novo Testamento são ferramentas valiosas para explorar a teologia de livros específicos. Também destaca que as literaturas que abordam os usos, costumes e a

cultura do período bíblico são fontes indispensáveis para compreender os antecedentes históricos que influenciam as ênfases do texto.

Este autor menciona que, as fontes secundárias desempenham um papel importante ao fornecer informações preliminares para a interpretação de um texto, além de serem úteis na fase de estudo exegético.

Outro ponto relevante pontuado por Osbourne (2009) é que o pesquisador em relação as literaturas devem ter ciência que essas fontes não devem ser consideradas verdades absolutas; ao contrário, funcionam como um esboço ou uma planta para a construção do edifício interpretativo.

Em síntese, a revisão de literatura é um método relevante na metodologia científica, pois não só ajuda a situar a pesquisa no campo do conhecimento existente, mas também contribui para a formulação de novas perguntas, hipóteses e metodologias.

A revisão de literatura como método exige uma leitura crítica e uma análise cuidadosa das obras consultadas, promovendo um diálogo constante entre o pesquisador e os autores da área, e sendo um componente vital da construção do conhecimento acadêmico.

## **1.1 PEDRAS FALANTES: A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUEOLOGIA PARA A COMPREENSÃO BÍBLICA**

O conceito de “pedras falantes”, proposto por Randall Price (2006) em sua obra *Arqueologia Bíblica*, refere-se à maneira de como vestígios arqueológicos contribuem para além do achado material, isto é, como as inscrições e monumentos, podem “narrar” aspectos históricos relacionados aos eventos e personagens descritos nas Escrituras ou relacionado diretamente a história dos povos que constam nas escrituras, quer seja no Antigo Testamento ou Novo Testamento.



O conceito de “pedras falantes” não se limita apenas à confirmação de eventos bíblicos, mas também à interpretação mais ampla dos achados arqueológicos, incluindo suas implicações culturais, sociais e espirituais, ou seja, Price (2006) não tem a pretensão que se entenda a “pedra” apenas como uma forma de corroborar a Bíblia, mas como um meio de enriquecer a compreensão do mundo antigo.

Como explica Osbourne (2009), a interpretação dos vestígios, isto é, as fontes históricas não são verdades absolutas, mas uma construção para uma análise crítica. As fontes não devem ser vistas como definitivas ou incontesteáveis, mas sim como contribuições dentro de um contexto que pode ser revisado à medida que o estudo avança.

Contudo, menciona Von Rad (2006) a cada novo achado de vestígios materiais deixados por sociedades humanas no passado ressoa com a compreensão de que as narrativas do Antigo Testamento são fruto de uma interação dinâmica entre fé, história e cultura, onde tradições são reinterpretadas à luz de novos eventos.

Baker e Arnold (2004) complementam essa visão ao explorar como as pesquisas recentes têm revelado nuances culturais e sociais que enriquecem a compreensão de figuras centrais do Antigo Testamento, como patriarcas, profetas e reis. Essas descobertas ajudam a situar os textos bíblicos em seu contexto original, promovendo interpretações mais contextualizadas.

Ao contextualizar as narrativas bíblicas, possibilita ao teólogo e a produção teológica uma compreensão mais rica e precisa, essencial para disciplinas como hermenêutica, que utiliza esse contexto histórico e geográfico para evitar interpretações distorcidas no sentido de confirmar a veracidade do registro bíblico (OSBORNE, 2009).

Conforme Silva e Silva (2009), esses vestígios arqueológicos são fontes históricas primordiais, cuja interpretação depende de uma análise multidisciplinar que integra Arqueologia, História, Geografia e Teologia.

A abordagem multissetorial proposta por Funari (2003) e Von Rad (2006), em outras palavras, à integração de diferentes áreas de conhecimento para uma compreensão mais ampla e profunda de um fenômeno reforça a necessidade de considerar o contexto teológico no estudo das tradições bíblicas. Permite uma análise mais rica e contextualizada, considerando múltiplos fatores que influenciam um objeto de estudo, contribuindo tanto para a investigação acadêmica quanto para uma percepção mais profunda do passado bíblico.

Para Kaefer (2018) os vestígios das sociedades antigas ilustram como a arqueologia pode transcender seu papel científico, permitindo que os achados materiais dialoguem com narrativas culturais, espirituais e teológicas, enriquecendo a compreensão de períodos históricos e da humanidade em sua totalidade. Assim, esses vestígios como objeto de pesquisa servem como “vozes do passado” tornam-se fundamentais para a preservação e interpretação da memória histórica.

Price (2006) aponta que a arqueologia não apenas confirma as narrativas bíblicas, mas oferece novas perspectivas sobre o contexto histórico e cultural da Bíblia, permitindo que as “pedras” contem histórias que complementam os textos sagrados. Nesse sentido, o arqueólogo, ao interpretar os vestígios materiais com rigorosos critérios, traz ao presente as “vozes do passado”, ou seja, as “pedras falantes”, que nos comunicam informações sobre o passado a partir de seus vestígios.

Por exemplo, na literatura *Uso e costumes dos tempos bíblicos* de Gower (2002) revela como descobertas de inscrições em pedras, como estelas, leis de regulação social e outros objetos de valor histórico, são fundamentais para compreender práticas sociais e culturais, crenças e até mesmo os acontecimentos mencionados na Bíblia.

Tais descobertas ajudam a esclarecer períodos de relativa obscuridade histórica, como o período dos juízes ou do exílio babilônico, conforme discutido por Bright (2019)



na obra *História de Israel*. Artefatos como a estela de Tel Dan (século IX a.C.) considerada uma evidência arqueológica importante para a historicidade do rei Davi.

Ou as inscrições da Estela de Merneptah (1213–1203 a.C.), que fazem a primeira menção conhecida de Israel em fontes egípcias, destacando-se como a mais antiga referência histórica ao nome “Israel” conforme (PRICE, 2020).

São exemplos que Price (2006) utiliza para ilustrar o conceito das “pedras falantes”. Esses artefatos não apenas fornecem dados sobre os povos e eventos da Bíblia, mas também ajudam a datar e contextualizar certas narrativas bíblicas auxiliando em muito as produções teológicas.

As “pedras falantes” também são essenciais para questionar versões tradicionais de alguns eventos. Por exemplo, a ausência de evidências diretas sobre o Êxodo (século XIII a.C.), conforme discutido por Merrill (1980) em *Arqueologia do Velho Testamento*, não questiona a narrativa, mas aponta para a necessidade de uma análise cuidadosa e integrada entre arqueologia e texto.

Em alguns casos, a relevância de descobertas arqueológicas para a interpretação bíblica é altamente debatida, sendo eu o pesquisador deve evitar conclusões precipitadas sobre sua importância. Com frequência, os problemas levantados por essas descobertas têm mais valor para o debate acadêmico do que as soluções imediatas que parecem oferecer.

Ademais, é frágil empregar a arqueologia apenas quando ela confirma nossas convicções, ignorando-a quando apresenta desafios. Quando arqueólogos carregam suas convicções de fé em suas escavações, como a abordagem maximalista o resultado pode ser um viés religioso (KAFFER, 2018). É crucial reconhecer que a arqueologia, assim como qualquer outra ciência, passa por revisões constantes. Muitas descobertas arqueológicas são interpretativas e frequentemente baseadas em especulações, como ocorre em abordagens apologéticas maximalistas.

Essas interpretações, como sugere Price (2006), podem ter nuances limitada, durando cerca de duas décadas antes de serem revisitadas ou contestadas. Esse caráter provisório reforça a necessidade de abordar a arqueologia com cautela e senso crítico.

Portanto, o conceito de “pedras falantes” de Price (2006) é uma metáfora poderosa que ilustra como a arqueologia bíblica tem a capacidade de dar voz ao passado. As descobertas materiais não só corroboram certos aspectos das narrativas bíblicas, mas também revelam detalhes históricos que podem enriquecer o entendimento contemporâneo sobre os textos sagrados. Assim, as múltiplas fontes arqueológicas, em conjunto, contribuem para uma visão mais ampla e detalhada da história de Israel e de suas interações com o mundo antigo.

## **2. INTERPRETAÇÕES TEOLÓGICAS: APROXIMAÇÃO, DISTANCIAMENTO E CONVERGÊNCIA**

Osbourne (2009) menciona que as categorias de análise ajudam o intérprete, isto é, o pesquisador a distinguir diferentes tipos de mensagens como aproximação, distanciamento e convergência. Na arqueologia são formas de produzir conceitos a partir de vestígios arqueológicos que são reproduzidas em várias análises interpretativas acerca das escrituras.

Em relação a aproximação Albright (1949) defende a utilização da arqueologia para confirmar as narrativas bíblicas, uma vez que as descobertas arqueológicas fornecem uma base sólida para a veracidade das Escrituras, especialmente no que se refere a lugares, nomes e eventos descritos na Bíblia. Em seu trabalho *From the Stone Age to Christianity: Monotheism and the Historical Process*, este autor argumenta que a arqueologia pode aproximar as Escrituras da realidade histórica objetiva, corroborando muitos dos detalhes presentes nos textos bíblicos.



Já a categoria de distanciamento Van Seters (2008) defende uma abordagem mais crítica da arqueologia e suas interações com a Bíblia. Este autor questiona a argumentação da arqueologia como uma ferramenta para corroborar as narrativas bíblicas, propondo que a Bíblia deve ser estudada como uma obra literária e teológica por si mesma, sem depender de fontes externas. Em sua obra *Em busca da História: A historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica*, argumenta que o distanciamento das descobertas arqueológicas permite uma interpretação mais pura dos textos sagrados.

Sobre a convergência Kitchen (2003), em sua obra *On the Reliability of the Old Testament*, defende que as evidências arqueológicas e os textos bíblicos podem convergir de forma significativa argumentando que a arqueologia não apenas confirma as narrativas bíblicas, mas também oferece novas perspectivas que enriquecem nossa compreensão das Escrituras. A convergência, segundo este autor acontece quando as descobertas arqueológicas e as tradições bíblicas se reforçam mutuamente, proporcionando uma compreensão mais profunda dos contextos históricos e culturais nos quais a Bíblia foi escrita.

## **2.1 Aproximação**

A aproximação ocorre quando as descobertas arqueológicas corroboram aspectos históricos das Escrituras, conferindo maior credibilidade às narrativas bíblicas e fortalecendo a fé cristã ao dar tangibilidade aos relatos sagrados. Achados como a Estela de Merneptah, datada de (cerca de 1207 a.C.) e descoberta em 1896 em Tebas, Egito, mencionam Israel como uma entidade distinta no (século XIII a.C). Esse artefato, atribuído ao faraó Merneptah (da 19ª dinastia do Egito), é um exemplo claro de como a arqueologia pode alinhar-se com os textos bíblicos.

Similarmente, as ruínas de Jerusalém, que corroboram

o contexto histórico do reinado de Davi e Salomão, reforçam a conexão entre arqueologia e fé. A obra de Josefo (2004), *A História dos Hebreus*, também descreve o esplendor do Templo de Salomão, detalhes que são corroborados por vestígios arqueológicos encontrados em escavações recentes em Jerusalém.

Autores como Kaefer (2018), Andrade (1987) e Boyer (1966), ao destacarem eventos e locais mencionados na Bíblia, aproximam os leitores de um cenário histórico e geográfico cristão. Estudos sobre descobertas significativas, como as tabuinhas de Ebla (cerca de 2300 a.C.), ampliam a compreensão do contexto bíblico, iluminando períodos anteriormente obscuros e oferecendo novas perspectivas sobre a história e a geografia bíblicas.

Essas descobertas evidenciam o impacto da arqueologia no fortalecimento da relação entre fé e história, mostrando como a ciência pode contribuir para a reafirmação de elementos históricos presentes nas Escrituras..

## **2.2 Distanciamento**

O distanciamento ocorre quando as evidências arqueológicas não confirmam ou contradizem aspectos das narrativas bíblicas, como em eventos do Êxodo ou da conquista de Canaã.

Essa tensão entre dados arqueológicos e interpretação literal das Escrituras desafia a visão tradicional de que a Bíblia deve ser interpretada exclusivamente como um relato histórico preciso.

Conforme Price (2006) e Funari (2003), essas lacunas não eliminam a relevância das Escrituras, mas indicam a necessidade de um exame mais aprofundado, que considere sua natureza teológica e simbólica.

Essa perspectiva também reflete a complexidade da pesquisa arqueológica, na qual a ausência de evidências



diretas não questiona a mensagem bíblica, mas ressalta a multifacetada interação entre História, Teologia e Arqueologia.

### **2.3 Convergência**

A convergência surge quando a arqueologia não apenas corrobora eventos descritos na Bíblia, mas também enriquece sua interpretação. Descobertas sobre práticas religiosas e culturais, como os rituais cananeus, ajudam a contextualizar desafios enfrentados pelos israelitas, destacando temas transcendentais como a aliança e a soberania de Deus.

Autores como Gower (2002) e Peetz (2022) sublinham a importância de uma abordagem interdisciplinar para compreender as interações culturais e espirituais no mundo bíblico.

A arqueologia, ao revelar a complexidade e diversidade das culturas antigas, enriquece o entendimento teológico e oferece novas perspectivas sobre os princípios espirituais presentes nas Escrituras.

Achados como a Estela de Mesha, também conhecida como Pedra Moabita, é um importante artefato arqueológico datado de cerca de 840 a.C. e foi descoberta em 1868 em Dhiban, Jordânia.

A estela foi erguida pelo Rei Mesha de Moabe para registrar suas vitórias sobre o Reino de Israel especialmente no 2º Livro de Reis (capítulo 3). O texto da estela está escrito em moabita, uma língua semítica noroeste, com uma escrita similar ao hebraico.

O conteúdo da estela é de grande importância para os estudos bíblicos, pois faz referência a eventos e personagens mencionados no Livro dos Reis. A estela de Mesha relata sua revolta contra a autoridade israelita e a restauração dos territórios moabitas. Uma das menções mais notáveis é a de Omri, rei de Israel, cuja existência também é confir-

mada na Bíblia, oferecendo assim uma evidência externa da presença e conflitos israelitas.

A estela é vista como uma das principais fontes para a compreensão da história política e militar da região no século IX a.C., além de ser fundamental para o estudo das línguas semíticas e dos textos históricos.

### **3. ARQUEOLOGIA BÍBLICA E A PERSPECTIVA APOLOGÉTICA PARA A PRÁTICA CRISTÃ**

O uso apologético da arqueologia para confirmar a autenticidade do relato bíblico tem valor, mas envolve riscos, como conclusões precipitadas e uso seletivo de evidências, quando estas apenas corroboram um ponto de vista (PRICE, 2020).

Embora a arqueologia tenha sido fundamental para apoiar a veracidade das Escrituras, é importante lembrar que toda evidência arqueológica está sujeita a interpretação e pode ser rejeitada por estudiosos quando usada como prova teológica (OSBOURNE, 2009).

A arqueologia bíblica, como destaca Peetz (2022), reforça a base histórica dos relatos bíblicos, mesmo diante de lacunas arqueológicas. Ao integrar arqueologia e teologia, é possível fortalecer a fé cristã, tornando-a mais robusta e fundamentada. A pesquisa dos vestígios materiais associados ao mundo bíblico fornece uma base sólida para defender a veracidade da Bíblia, especialmente diante de desafios históricos e culturais.

Embora as evidências arqueológicas nem sempre confirmem eventos históricos, como a destruição de cidades ou a conquista de Canaã, elas oferecem insights valiosos sobre o mundo antigo (FUNARI, 2003).

A arqueologia também amplia a compreensão teológica, permitindo uma leitura mais rica das Escrituras, especialmente ao estudar a geografia bíblica e as práticas sociais descritas nas descobertas arqueológicas (ANDRADE, 1987).



Os estudos dos resultados arqueológicos facilitam a vivência mais autêntica dos textos, aproximando os cristãos da realidade do contexto histórico de Jesus, dos apóstolos e dos vários personagens e locais do Antigo Testamento.

Além disso, a arqueologia bíblica ajuda a entender melhor a vida cotidiana, as questões de moralidade e ética no mundo antigo, oferecendo lições relevantes para a prática cristã moderna (MERRIL, 1980).

Assim, a arqueologia e a perspectiva apologética convergem, proporcionando uma fé fundamentada não apenas em doutrinas, mas também em fatos históricos e culturais, e que quando assertivas reforçam a veracidade das Escrituras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As “pedras falantes” de Randall Price (2006) ilustram como a arqueologia bíblica vai além de uma mera confirmação histórica, servindo como um recurso apologético e aprofundando a compreensão das Escrituras.

A integração de perspectivas teológicas, enriquece esse diálogo, mostrando como as tradições se renovam ao longo do tempo. Dessa forma, a arqueologia bíblica não apenas corrobora as narrativas, mas também fortalece a confiança na revelação divina e inspira os cristãos a viverem sua fé de maneira mais profunda e informada.

A interação entre Arqueologia, História, Geografia e Teologia, por meio de aproximação, distanciamento e convergência, promove um diálogo contínuo entre dados científico e a tradição religiosa e dados científicos.

Vale destacar que essa interação deve ser constantemente revisitada, pois novas descobertas podem recontextualizar interpretações tradicionais das Escrituras, tornando a arqueologia uma ciência dinâmica que fortalece a fé.

A arqueologia não é apenas apologética, mas também interpretativa, como demonstrado por meio das literaturas citadas nessa pesquisa contribuindo para a construção de novas narrativas de fé.

Ao integrar insights arqueológicos, é possível aprofundar o entendimento teológico, evidenciando como os textos bíblicos vão além das questões históricas e apontam para princípios espirituais e o plano redentor de Deus na história.

Para estudiosos e leitores das Escrituras, essa integração reforça a fé, pois as evidências arqueológicas quando confirmam o relato bíblico abrem novas possibilidades de aprendizado, tanto em pregações nas igrejas quanto no ensino em seminários e escolas bíblicas.

As “pedras falantes” enquanto conceito vinculado aos vestígios arqueológicos conectam as evidências materiais aos textos bíblicos, o que de certa forma potencializa a qualquer estudante e pesquisador das escrituras a percepção dos propósitos divinos na história.

Em suma, este artigo explorou o conceito de “pedras falantes” e sua relevância no contexto da arqueologia bíblica, demonstrando como artefatos materiais podem dialogar com as narrativas das Escrituras. A Arqueologia é mais uma ferramenta a serviço das Escrituras.

Assim, abre-se um campo adicional para a escatologização do pensamento histórico que permite ver nos artefatos arqueológicos não apenas registros do passado, mas elementos que dialogam com as expectativas e as promessas divinas ainda em curso relatadas na Bíblia.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Geografia Bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.



ALBRIGHT, William F. *From the Stone Age to Christianity: Monotheism and the Historical Process*. 1. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1949.

APOLINÁRIO, Fábio. *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2011.

BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. Pindamonhangaba/São Paulo: Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 1966.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2019.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GOWER, Ralph. *Uso e costumes dos tempos bíblicos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

JOSEFO, Flávio. *A história dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2018.

KITCHEN, Kenneth A. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2003.

KÖCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MERRIL, F. Unger. *Arqueologia do Velho Testamento*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1980.

OSBORNE, Grandt R. *A espiral da hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PEETZ, Melanie. *O Israel bíblico: história, arqueologia, geografia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

PRICE, Randall. *Arqueologia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PRICE, Randall. *Manual de arqueologia bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de Freitas. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SOTELO, Daniel. *Arqueologia Bíblica*. São Paulo: Fonte, 2008.

THOMPSON, John A. *A Bíblia e a arqueologia: quando ciência descobre a fé*. São Paulo: Vida Nova, 1992.

VAN SETERS, John. *Em Busca da História: A Historiografia no Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica*. São Paulo: EDUSP, 2008.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento – Volumes 1 e 2*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

